

Prezados leitoras e leitores,

A *Revista de Saúde Mental e Subjetividade* do UNIPAC chega à edição de número 26 reforçando sua intenção de incluir, entre outros temas afins, artigos voltados para as reformas em saúde mental no cenário nacional. A Revista não hesita em acolher autores que mostram e demonstram, através de suas pesquisas, por um lado os retrocessos e os perigos que assombram a Reforma da Saúde Mental no Brasil e, por outro lado, apontam soluções e relatos bem sucedidos nesse campo. Neste número, o assunto é abordado em diferentes perspectivas.

No que concerne ao aspecto basilar da formação de profissionais que atuam na área, Oliveira Silva e Pimentel apresentam uma análise documental sobre a formação e a educação continuada de profissionais de saúde que atuam em Centros de Atenção Psicossocial a usuários de álcool e drogas. As autoras apontam fragilidades e avanços do sistema, tanto ao nível do ensino superior em saúde, quanto na educação permanente oferecida.

Chaves *et al* (“Recorte Temporal dos Desafios para Implementação da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) no Brasil”) abordam, através de uma revisão sistemática da literatura, assuntos como a articulação da rede/efetivação do apoio matricial; recursos materiais e humanos; dentre outros. Discutem as cinco categorias identificadas e são explícitos e incisivos quanto aos problemas identificados, os quais colocam em risco a continuidade da chamada Reforma Psiquiátrica Brasileira, que parece, possivelmente, os autores concordam, numa fase de contrarreforma.

Ainda sobre RAPS, temos o interessante artigo de Oliveira (“Do Desencadeamento Psicótico à Retomada do Laço Social”), com referência teórica e contribuições da psicanálise. A autora articula os desafios da atenção psi aos indivíduos nomeados psicóticos ao que a Rede pode fazer por eles, incluindo-se evitar a estigmatização, reconhecendo-os como apenas diferentes, e funcionar como dispositivo estratégico de mediação entre aquelas pessoas e a sociedade.

Problemas para implantarem-se reformas em saúde mental são bem exemplificados no artigo de Rosa e L’Abbate (“O Desafio dos Leitos em Saúde Mental nos Hospitais Gerais”) que descrevem avanços e retrocessos em um hospital no município de Jundiaí-SP, levando-se em conta posições recentes do Ministério da Saúde e de entidades como o Conselho Federal de Medicina (CFM). O referencial teórico adotado é o da Análise Institucional de Lapassade e Lourau.

Numa perspectiva diferente, uma experiência bem sucedida de atenção à saúde mental é contemplada no artigo de Oliveira, Capellini e Castro, que descreve a criação de um Núcleo de Atenção Psicossocial em uma universidade pública do interior de São Paulo. Note-se

que a ênfase inicial, dada aos atendimentos individuais, desloca-se para ações coletivas de prevenção e promoção da saúde.

O sexto artigo desta edição traz relato de caso único de um homem portador de sofrimento psíquico, admitido no Instituto Raul Soares, em Belo Horizonte, em cumprimento de medida de segurança, e os efeitos negativos de uma internação prolongada. Os autores Fonseca e Siqueira são precisos em apontar o efeito reverso que pode decorrer dessa situação.

Finalmente, com igual importância, destacamos os artigos de Souza (“Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas em Municípios de Pequeno Porte”) e de Braga e Paula Junior (“O abuso de psicotrópicos na atualidade”). Embora tratem de temas bastante diferentes, há um elemento comum em ambas as pesquisas: o abuso das substâncias psicoativas que se verifica nas nossas sociedades contemporâneas, sejam elas substâncias lícitas ou ilícitas.

Souza realizou pesquisa bibliográfica e crítica sobre procedimentos com usuários de drogas em tratamentos de saúde mental em cidades menores e chegou a conclusões importantes associadas às famílias, às singularidades e modelos de regulamentação e à fiscalização da rede assistencial. Braga & Paula Junior refletem sobre o crescimento da indústria farmacêutica e o fenômeno da medicalização da vida, tema menos polêmico que necessário de ser discutido. Afinal, a busca “desenfreada e desesperada pela felicidade plena, mesmo que plástica e artificial”, a que eles se referem, tem nos trazido bem viver, individual e coletivamente?

Com a palavra os autores, aos quais agradecemos por estas valiosas contribuições. E a você, caro leitor, esperamos que faça um bom uso das informações e reflexões aqui veiculadas.

Edição nº 26 da Revista Mental.